



JOÃO GILBERTO/CORBIS OUTLINE

HISTÓRIA DE // MIGUEL PRUDÊNCIO. Investigador principal do Instituto de Medicina Molecular diz que financiamento da Fundação Bill & Melinda Gates é um forte apoio no caminho de vacina Por: **Gina Pereira**

Gates dá um milhão para estudar malária

Ciência. Trabalho produzido em Portugal vai agora tentar submeter-se a ensaio clínico

cerca de 900 mil euros (1,218 milhões de dólares) foram atribuídos pela Fundação Bill & Melinda Gates a um projeto português que pretende desenvolver uma vacina para a malária, doença que mata 700 mil pessoas todos os anos, sobretudo crianças da África Subsariana, e que é responsável por 200 milhões de infeções todos os anos. Em causa está um projeto que tem vindo a ser desenvolvido, nos últimos anos, por três investigadores do Instituto de Medicina Molecular (IMM) da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa – Miguel Prudêncio, 42 anos, investigador principal; António Mendes, 32 anos, e Maria Mota, 42 anos – e que agora pretende avançar no sentido dos ensaios clínicos em humanos.

Há dois anos, o projeto já tinha sido financiado em 100 mil dólares pelo programa Grand Challenges Explorations (GCE) da Fundação Bill & Melinda Gates, uma espécie de “atirem lá o barro à parede” para ver se o conceito proposto se comprova. E a verdade é

que os vários estudos feitos até agora em ratinhos provam que a sua estratégia está correta.

Os investigadores propõem-se desenvolver uma vacina contra a malária usando um parasita que infeta apenas roedores e não causa qualquer doença em humanos. Mas que, sendo geneticamente modificado, pode ativar o sistema imunitário e ensiná-lo a combater o parasita que infeta os humanos, inibindo a infeção. Há cinco espécies de parasitas que infetam os humanos, os investigadores acreditam que esta vacina pode proteger simultaneamente

contra duas delas, precisamente as mais prevalentes e mortíferas.

A solidez dos resultados levou a que a Fundação Bill & Melinda Gates tenha decidido continuar a apoiar o projeto, financiando, pela primeira vez em Portugal, uma segunda fase. O objetivo é, dentro de 18 meses, ter concluído todo o processo regulatório com vista a conseguir autorização para o início do ensaio clínico, a realizar na Holanda, num centro de experiências clínicas na área da malária, com 15 a 20 pessoas.

Antes disso, contudo, Miguel Prudêncio diz que terão de ser feitas algumas experiências adicionais, designadamente em macacos. E o objetivo é tentar desenvolver um sistema de culturas celulares que permita produzir os parasitas necessários à vacina em laboratório e não depender dos mosquitos, estando prevista a contratação de um especialista em cultura celular.

Os investigadores estão otimistas, mas são “realistas”. Há mais de 20 anos que se investiga uma vacina para a malária e só agora uma delas está em fase de pedido de licenciamento “e com uma imunização de apenas 30%”. “A nossa expectativa é que esta vacina venha a ter uma eficácia superior a 90%”, diz Prudêncio, admitindo que a investigação pode levar mais 10 a 15 anos.

“A nossa expectativa é que esta vacina venha a ter uma eficácia muito superior à que está agora em licenciamento, superior a 90%”.

Miguel Prudêncio
Investigador principal IMM

[CARTAS DO LEITOR]

Uma fatura pesada de mais

A realidade do nosso país é tão mais preocupante, quanto a pobreza já atinge a classe média que, devido ao desemprego, aumentou os pedidos de ajuda. Valem as instituições que ainda vão matando a fome a tantas famílias que nunca pensaram passar por esta situação de necessidade extrema.

Os nossos governantes de fato não sabem o que é passar fome, o desespero de não ter o que pôr na mesa, para matar a fome aos filhos, a vergonha de estender a mão à família, vizinhos e amigos para conseguir sobreviver.

Só queria saber qual será a recompensa destes políticos que não conseguem colocar-se no lugar do pobre, de tomar consciência da destruição que criaram, a troco de um défice que até poderá ser ultrapassado.

A fatura é pesada de mais: custa a dignidade de um povo, que perdeu a esperança e a vontade de sonhar.

Ana Santos
ana_santos5@hotmail.com

O paladino dos pobres

A pobreza e a necessidade amolecem e degradam a coragem e habituam os homens à paciência, extirpando-lhes o germe da audácia e da rebeldia”. Cito este apotegma de Thomas More, a propósito do dichote proferido pelo coerente e irrevogável ministro paladino dos contribuintes, dos camponeses, dos feirantes, das peixeiras, e, agora, pelos vistos, também dos pobres, acerca da ausência destes na última manifestação contra o Governo.

Infelizmente, os verdadeiros pobres deste país – que, para nossa desgraça, são muitíssimos mais do que aquilo que seria desejável –, hoje, estão mais preocupados com a tigela da sopa do que propriamente com manifestações. Muitos, note-se, nem têm meios financeiros para pagar um simples bilhete nos transportes públicos.

Este chico-esperto, esta erva daninha da política nacional, quer fazer dos portugueses tolos, com mais uma tentativa, vil e miserável, de os virar uns contra os outros.

Manuel Rocha Santos
manuelrochasantos@gmail.com

Pior do que as estatísticas

As notícias sobre o sucedido no Bairro do Lagarteiro, no Porto, onde a EDP cortou a energia elétrica a pessoas que informaram das suas dificuldades para justificar o não pagamento da fatura, dá a ideia de uma realidade de pobreza ainda mais dramática do que aquela que é apresentada nas estatísticas.

Interessante seria que a comunicação social analisasse qual era a situação dessas pessoas e famílias há quatro e cinco anos, ou mais, e quais as razões da sua deterioração da sua situação económica.

Risível foi a “chinesice” filantrópica do responsável da EDP, quando revelou que a empresa não desligo o ventilador de um morador, relevando assim as supostas preocupações humanitárias da empresa.

Com a privatização da EDP, passou também a existir uma gestão apenas pautada por critérios capitalistas, em que a prioridade é sempre o negócio e o lucro, e em que as pessoas pouco ou nada contam.

Ernesto Silva
ernesto.marques.silva@gmail.com

OE 2014 dá-nos mais do mesmo

O Orçamento do Estado para 2014 não traduz preocupações éticas e de responsabilidade cívica, nem busca a construção de uma sociedade mais justa, mais solidária, mais inclusiva e onde os portugueses estejam em primeiro lugar. É antes o seguimento, para pior, dos OE 2012/13. Ficaremos mais pobres para nada, salvo para a tripla lucrar – e muito! –, enquanto o Governo faz de nós milhões de cobaias.

O OE 2014 fixa-se no anunciado reforço da austeridade, que jamais será sinónimo de saída da recessão. E mantém políticas de regressão social, desresponsabilizando-se do compromisso das prestações sociais, apesar do crescente desemprego e consequente empobrecimento.

A falácia da inevitabilidade dos cortes, o desrespeito pela equidade, a desigualdade e a fraca redistribuição fiscal faz deste ideológico OE 2014 um instrumento para tornar Portugal mais triste e com menos futuro.

Vitor Colaço Santos
cyntrastra@hotmail.com

Os textos devem ser breves, no máximo 600 caracteres, e enviados para leitor@jn.pt. Reservamo-nos o direito de os resumir ou não publicar. Não damos, por telefone, razões da escolha.